

Eduardo Campos

Estou chegando demasiado cedo aonde, à custa de muita experiência e trabalho, só deveria arribar mais tarde. A confissão não esconde nem desfigura possível comportamento ditado pela modéstia. É um imperativo de consciência. Ao aceitar como irrecorrível a indicação de meu nome para esta Casa, — em que a extrema generosidade de todos transformou-a em aceitação unânime — invadiu-me a dúvida, de que não me livrei ainda, se realmente a minha obra literária não terá sido apenas um alicerce inconcluso. Vejo-me portanto diante de vós e de mim mesmo inteiramente despido de merecimentos, com a humildade que se desgasta, já agora, proclamada em proveito próprio.

Há em mim uma inquirição severa — a que me imponho — a tentativa de descobrir o que de meritório vos deslumbrou em minha obra para o tamanho apreço desse estado de graças que me concedeis. Arrimo-me, então, a uma interpretação fria do que foi a minha existência e deparo simplesmente o ficcionista insatisfeito com o que logrou, certo de que, as mais das vezes, semeou e colheu a messe à precipitação.

Na seqüência das confissões será necessário dizer-vos que não desfruto de herança literária. Meu pai, o que me criou, não escreveu livros, mas em livros onde a ficção cede ao realismo dos algarismos. Entre o balcão e a manipulação de massas alimentícias, minha adolescência tão sem poesia limitou-se à proximidade de duas obras de consulta imediata: *Conselhos Práticos de Saúde* e *Guia do Lavrador*. A inspiração delas, deverei ter descoberto, instintivamente, o amor à

terra — de que me faço amante insaciável, e à medicina, que sendo preocupação pouco compatível com o meu título de bacharel em ciências jurídicas e sociais, capitalizou os conhecimentos que fariam de mim, um dia, compenetrado mezinheiro.

Mal aplicado à matemática, pior seria ainda à física, à química. Entretanto, resultaria sem razão plausível, um bom aluno de português. Nesse particular a vocação de escritor, a despontar, haveria de contrariar frontalmente a meu pai que me queria comerciante. Infelizmente, não aprendi a contar o suficiente para amearhar e já a esse tempo, de maneira inexplicável, compreendia que a ferramenta de meu trabalho haveria de ser a imaginação.

Assim, anti-mercantilista e sonhador confesso, Mário Sobreira de Andrade — de saudosa memória — e Antônio Girão Barroso foram encontrar-me em Mondubim, a essa época burgo propiciador de minhas freqüentes vilegiaturas familiares, onde haveríamos, a 26 de outubro de 1942, por ocasião da homenagem que se prestava ao autor de *Alguns Poemas*, — de regresso do Rio de Janeiro, riscar os alicerces do movimento que mais tarde se firmaria, decisivamente, sob a égide da *Revista Clã*. Ainda estes e mais o poeta Artur Eduardo Benevides — meu primo e companheiro de palco no Teatro Escola Renato Viana, de São Gerardo — me empolgariam à publicação de *Águas Mortas*, contos de um bisonho estreante em que Mário de Andrade, o do Sul, em excessiva demonstração de afeição à primeira vista, descobriria mensagem comparável às de Parnait Strati e Romain Rolland.

Guardo dessa quadra, com reconhecimento e simpatia, a palavra de quantos, por indulgência, resolveram estimular-me às letras. Sem esse apoio, eu não teria tido acesso ao Congresso de Poesia nem ao I Congresso de Escritores do Ceará, onde, de maneira definitiva, me incorporaria ao Grupo Clã.

À pressa, escreveria *Face Iluminada*, outra gestação de contos. Três anos depois retornaria a público com nova coletânea de pequenas histórias. E, como derivativo ao gênero, tentaria o teatro escrevendo duas ou três peças, a contar de *O Demônio* e a *Rosa*. E parava, pela primeira vez, insatis-

feito comigo mesmo, certo de não ser possível escrever sem antes domar o meu espírito. Não bastava ter escrito um conto como “O Abutre”, tão ao gosto de Braga Montenegro e Herman Lima, ou “Céu Limpo”, “O Casamento” ou esse “Marru”, que acabaria inserto numa antologia escolar do Uruguai.

O que o escritor persegue durante a vida não será a notoriedade fácil ou a glória, que esta as mais das vezes só a morte pode conferir. O de que precisamos mesmo é de lealdade, lealdade a nós mesmos e ao povo.

O FOLCLORE E A TERRA

Em 1949 Clã editava o meu último livro de contos: *A Viagem Definitiva*. Uma ou outra história, apressada, escapar-me-ia. Contive, entretanto, as que caracterizam afinal o meu amadurecimento, e que reunidas em *Noite sem Paisagem*, vou-as retendo, inéditas, por um escrúpulo que agora me põe demora em tudo.

Ao decorrer de tantos anos — mais de 12 — embarafustei-me na alma popular. Meti-me entre o povo à procura de emoções. A experiência tornou-me folclorista, e esse enfado pela ficção propiciou-me a oportunidade de escrever, sob especial devoção, *Medicina Popular*, publicado em 1951, e mais *Estudos de Folclore Cearense*, sob o patrocínio da Universidade do Ceará, e *Folclore do Nordeste*, lançado pela Editora O Cruzeiro.

O senso de observação, de repórter que sou, em contato com os simples, me conferiu nova dimensão. Compreendi então que escritor algum é possível pretender obra de profundidade, perene, sem antes conhecer de perto a vida de seu povo. Todos os grandes dramas universais estão forçosamente vinculados ao trivial. São parte de nós mesmos.

Vale a pena acrescentar que sou um escritor profundamente sensibilizado pela terra e o homem. Diante do sertanejo que me emociona pelo seu estoicismo em face dos dramas irreversíveis de sua paisagem; da sua capacidade de enfrentar o clima adverso e todo o conjunto de fatores que dia-

riamente comprovam o seu valor e a sua capacidade de resistência, — não o poderia omitir, como jamais o fiz, do meu afeto, da comunidade de meus personagens.

Não acredito — e o proclamo nesta hora — que o literato tenha servido ao folclorista. Terá sido este, certamente, quem contribuiu de maneira decisiva para conceituar melhor o ficcionista.

O TEATRÓLOGO, O ESPETÁCULO E O HOMEM

Ao tempo da ditadura que aviltou o país, o referir assuntos embora literários que implicassem admiração ao mundo socialista, era temerário. Aluno do Liceu do Ceará, chamado a falar em público pela primeira vez, escolhi a um só tempo um tema petulante e audacioso: “O Teatro Russo e Sua Temática Revolucionária”. Eu tinha dezoito anos e já me considerava decepcionado com o panorama do teatro nacional, de visível indigência, e quedava perplexo, emocionado, em face do teatro objetivo, reivindicatório, que outros países exercitavam, sabendo-o instrumento por excelência de comunicação às massas.

Não me eram estranhos já em 1939 os nomes de André Antoine, Max Reinhardt, Stanislavsky, Meyerhold, Gordon Craig e tantos outros que haviam contribuído para ajustar uma nova dimensão à dinâmica teatral. Com ingentes dificuldades e deficiências pessoais li-os tanto quanto possível, em idioma original, ciente de que o teatro seria o campo desejado para o homem espetacular que existia em mim. *O Demônio e a Rosa* terá sido, possivelmente, fruto desse estado de espírito, tentativa de quem queria mostrar aos seus conterrâneos — que pouco ou nada conheciam de teatro moderno — as possibilidades de tão poderosa forma de expressão humana. Hoje, superada a fase pioneira, iniciada no país com *O Rei da Vela* e *A Morta*, — peças de Oswald de Andrade, encenadas, respectivamente, em 1933 e 1937 — vê-se, afinal, o despontar de um teatro com características definidas, excluída a concessão fácil aos temas chulos.

Ainda nessa oportunidade os dramaturgos nacionais tiveram que aproveitar a grande lição da experiência moderna, que deu ao povo em sua naturalidade e sem artifícios, a verdadeira intensidade de seus dramas. A implantação de uma motivação regional no romance, no conto, na poesia, numa caracterização despida de atavios, foi outra manifestação de fidelidade ao homem e ao meio.

Já agora o teatro brasileiro, que descobre o seu verdadeiro caminho, tem por obrigação levar ao palco toda uma grei de personagens sofridos pelas angústias e ambições do tempo, gerados por um desequilíbrio que o nosso indiferentismo social, dia a dia, apressa o processo revolucionário.

No teatro consegui afinal ser um bom discípulo: colti a minha melhor lição. Se nele nada pude oferecer-vos de grandioso, pelo menos compreendi o conteúdo de sua poderosa mensagem artística.

O HOMEM E A ACADEMIA

Jamais escrevi contra vós. Mas desdenhei, quantas vezes me aprouve, a vossa capacidade de iniciativa. Àquele tempo em que o Grupo Clã eclodia como flor fora de época, assustando ou encantando, o desconhecimento de muitos de vós às obras mais atraentes da moderna literatura universal era alvo de meu ar de mofa, de duvidosa superioridade intelectual. Nesse proceder, mais uma vez, estive apenas coerente com a juventude. Não são merecidamente jovens os que não se rebelam. Mesmo porque só há um momento na vida — o da mocidade — em que os excessos são permissíveis. Talvez por isso não floresçam acadêmicos imberbes nem sejam consagrados os plumitivos.

Os cabelos brancos, a moderação, uma reaplicação de interesse pelas tradições, o amadurecimento, seriam condições especiais para quem, um dia, compreenderia a impossibilidade de fugir ao ciclo de gestação literária, que vai da rebeldia, onde os impulsos se descontrolam, à aceitação respeitosa dos heróis.

Entretanto, recuso arquivar-me. Não quero a cadeirinha de embalo, a xícara de café e a consulta fácil aos livros. Aliás, não julgo que a Academia, em seus propósitos, deseje o falso enlevo da ociosidade. Somente os que se julgam completamente realizados poderão rejeitar a ambição. Se chego a vossa presença escudado por tão generosa consagração, não será a gozo desta que me deterei. A inatividade me apavora. Por trás de mim sinto que crescem diariamente direitos a defender além de quantos me são caros por amor ao povo. Não me torno Acadêmico para aliviar-me de compromissos, mas para assumi-los, pois não vos busquei para descansar, mas para pelear.

OS OCUPANTES DA CADEIRA 22

Não ajuízo a que ponto corresponderá à verdade a informação de que Alba Valdez está fixada na admirável alegoria que Raimundo Cela, com a sua inspiração de mestre, eternizou no Palácio da Luz. Se lá não está, que clamorosa injustiça! — pois não se poderá admitir que a maior demonstração de nossa capacidade de reação e amor à liberdade não se tenha, para o nosso testemunho e a nossa reverência, a presença de Alba Valdez.

Jamais pensei que a autora de *Em Sonho* e *Dias de Luz* preceder-me-ia na Academia Cearense de Letras, como também, será desnecessário acrescentar, nunca imaginei postular tão vetusta Cadeira que durante anos paraninfa, com respeitabilidade e equilíbrio moral, Justiniano de Serpa.

Impõe-nos o ritual dessa iniciação a homenagem dos Acadêmicos que nos precederam. Não me disseram por quais e tais razões, mas presumo-as. A recordação dos mortos é indeclinável ato de humildade de que se faz devedor todo aquele que ultrapassa o pórtico da posteridade. É como se nos dessem a ler, sob clara e límpida compreensão, a mensagem que na Bíblia resplandece:

“No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás.” (Gênesis, cap. 3, vers. 19).

O Acadêmico investe-se nesta Casa com a gravidade que o inspiram os mortos, certo de seu destino e da transitoriedade de sua glória.

Sob essas reflexões, descobro-me respeitoso ao talento de Alba Valdez, Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade, — crador de verbo inflamante, não fazendo por simples obrigação ética, mas à admiração que me empolga ao reconhecê-los consagrados pela sua lealdade às letras e aos legítimos anseios humanos.

Detentora de estilo sóbrio, objetiva em sua maneira de criar conceitos, Alba Valdez concebeu um mundo de ternura em admiráveis contos que foram vertidos, merecidamente, para outros idiomas. É o poeta Manuel Albano Amora, inventariante bibliográfico da Academia Cearense de Letras, que acode a informação de que o Dr. Goran Bjorkmann traduziu-a para o sueco.

Tão distinta pena Alba Valdez nem espre a manejou com a ternura das rosas. Teve-a, às vezes, como esgrima a impor idéias contra os que teimavam desconhecer os direitos humanos. Poder-se-á dizer que a Cadeira 22 esteve sempre a serviço das boas causas. Comprova-a, a seu turno, a personalidade de escol de Justiniano de Serpa. O ilustre homem público representa para o Ceará um dos momentos mais dignos do nosso procedimento cívico. Basta rememorar-se sua atuação como orador e jornalista na campanha abolicionista, os conceitos que empresou e defendeu em peças oratórias de fino labor, como a que, inserta na *Revista* desta Casa, em 1897, ainda se poderá ler com justificada emoção.

Não encontro, portanto, uma Cadeira vazia.

A Cadeira 22 guarda, de forma viva, imperecível, a lembrança de seus legítimos donos, a ponto de a pretensão em mim de ocupá-la sopear-se por tanta glória e merecimento.

Grato me considero ao Presidente da Academia, escritor Renato Braga, e à contista Cândida Maria Santiago Galeno, que em muito me estimularam a esse intento, aos meus leais amigos do Grupo Clã, e ao historiador Raimundo Girão que, além de me levar, sem lauréis, ao Instituto do Ceará — onde tanta respeitabilidade não me assentou ainda — deu-me esta noite a humosa satisfação de me conduzir até vós.

Tomo-lhe as palavras com que me decorou a alma, descontentados os elogios que me sabem imerecidos, tão-somente pelo aferimento da amizade que nos une.

E nada mais tendo a dizer, só me restará a mim, de maneira mais humilde e informal, firmar-me às vossas ordens, inteiramente vosso, de coração: Manuel Eduardo Pinheiro Campos, o Acadêmico, o velho amigo.